Psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento publicado em 26.02.2017

FREUD E JUNG: UMA UNIÃO DE COMPLEXOS

2016

Alan Ferreira dos Santos
Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Paulista (UNIP). Discente da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) (Brasil).

E-mail de contato:
alanfs1995@gmail.com

RESUMO

O presente estudo pretende demonstrar como o complexo paterno de Freud e Jung trouxe, como consequência, a ruptura de uma relação profícua e criativa, que acabou desembocando num acirramento teórico entre as suas concepções, havendo ainda surgido uma noção de incompatibilidade entre suas ideias. Trata-se de um legado para a posterioridade já que no contemporâneo há poucas tentativas de integração entre as teorias. Pretende-se mostrar que a primeira autoridade é o pilar essencial de nossa disciplina, e que a segunda produziu uma continuidade, fazendo novas descobertas (sendo ambas obras não opostas mas sim contínuas). Por sua vez, afirma-se que é possível um estudo comparativo, extraindo novas conclusões no que concerne à ciência psicanalítica e ao seu atual desenvolvimento isônomo em escolas de pensamento.

Palavras-chave: Psicologia analítica, psicanálise, complexo paterno.

Copyright © 2017.
This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

INTRODUÇÃO.

Uma das grandes questões que permeia a psicanálise é a polaridade teórica, as chamadas "abordagens psicanalíticas", Sigmund Freud (1856 - 1939) enfrentou uma empreitada de constituir uma ciência que tinha como objetivo compreender as emoções humanas, na suas mais variadas interações. Decorrente disso, o objetivo foi alcançado, havendo a emergência de uma nova ciência, que teve como consequência desdobramentos teóricos que se ramificaram gerando novos modelos conceituais, um exemplo, é a Psicologia Analítica de Carl G. Jung (1875 - 1961), que por sua vez, gerou inúmeras descobertas sobre o psiquismo humano e dos processos inconscientes, tanto a nível individual, quanto coletivo.

O COMPLEXO PATERNO.

A questão latente é, mas por que houve uma separação? Uma das ideias sugeridas por Byington (1975) é:

> *Seu relacionamento pessoal foi muito íntimo, a ponto de Freud ter sentido Jung durante 7 anos como seu colaborador direto e príncipe herdeiro e Jung venerar em Freud o pai espiritual que não teve. A ruptura foi proporcionalmente violenta e provavelmente muito dolorosa para ambos [...] Jung sendo vinte anos mais moço pôde por isso analisar mais a obra de Freud que a sua, mas de um modo geral, após a separação, Freud passou a ver em Jung quase um ex-cientista que adotara o ocultismo e Jung por sua vez via Freud como um gênio castrado condenado à amargura pelo redutivismo da psicologia que ele mesmo criara (BYINGTON, 1975, p. 2).*

A relação complexa entre Jung e Freud, e sua consequente ruptura produziu grande influencia na obra de ambos "O cerne da sua relação emocional e transferencial criativa e defensiva foi provavelmente o complexo paterno de ambos (BYINGTON, 2005, p. 2). Freud escreve "na noite em que eu o adotei como filho mais velho e o ungi *in partibus infidelium* (na terra dos infiéis) como meu sucessor e príncipe coroado" (FREUD, 1909, Carta 139 apud BYINGTON, 2005, p. 2). Jung seria o continuador da obra do pai prolongando o legado. O que se pode inferir é que ambos apresentavam limitações originárias de fixações de seus complexos paternos (BYINGTON, 2005). Freud e Jung analisaram mutuamente sonhos um do outro, no entanto nunca foram analisados:

É de se esperar então que, apesar da genialidade dos dois, muitas de suas teorias apresentem defesas atuadas como racionalizações. Dentre essas defesas, podemos perceber a resistência em incluir as descobertas um do outro. Pela criatividade extraordinária deles, estas formulações teóricas podem conter grandes descobertas, mas, ao mesmo tempo, operam em seus processos existenciais como grandes defesas, exatamente como aconteceu com Édipo. O maior sintoma da atuação de suas defesas, no que diz respeito à relação entre eles, foi para mim a sua separação abrupta, em plena associação extraordinariamente criativa, sem nenhuma elaboração emocional e qualquer integração das suas diferenças. Perderam eles, por certo, mas, por serem os pilares da psicologia dinâmica, sua separação traumática afetou o campo da Psicologia de maneira fundamental. Ficaram polarizados no estudo do inconsciente pessoal e coletivo. Assim, não perceberam que a separação entre pessoal e arquetípico nem sempre existe, uma vez que a dimensão pessoal tem fundamentação arquetípica, a começar pelos símbolos do pai, da mãe e da criança bem como por todas as defesas descritas por Freud para formar o inconsciente pessoal. Por isso, devemos evitar acreditar que cada uma das teorias seja auto-suficiente e possa se desvincular das posições teóricas da outra, pois, quando assim fazemos, perpetuamos as limitações dos dois gênios e paralisamos a Psicologia nas suas fixações (BYINGTON, 2005, p. 7).

O seu oposto, por sua vez ocorreu com o príncipe:

É fato conhecido como a relação de Jung com seu pai foi problemática desde o início da vida, sobretudo em relação à posição dogmática da sua religiosidade. A esse respeito, a visão de Jung, na entrada de sua adolescência, é muito ilustrativa de seu complexo paterno negativo. Um dia, ao voltar da escola para casa, Jung teve uma visão de Deus defecando e espatifando a Catedral da Basiléia. Esta visão, que muito o abalou, foi por ele e por muitos junguianos interpretada como sua revolta contra a religião dogmatizada na busca do Deus vivo, que caracterizou sua religiosidade. Ao associarmos a Catedral da Basiléia com o símbolo maior do Protestantismo, do qual seu pai era ministro, e pensarmos que Jung estava entrando na puberdade, é inevitável relacionarmos sua visão com um complexo paterno intensamente negativo, que provavelmente se constelou na relação com Freud. "Eu o considerava uma personalidade superior, na qual projetava a imagem do pai" (JUNG, 2006 apud BYINGTON, 2005, p. 9).

CONCLUSÕES.

O problema atual da psicanálise, principalmente ao que concerne as teorias psicanalíticas, é exatamente o acirramento conceitual, n'onde determinados nichos, e escolas de pensamentos se isolam, não havendo um debate tanto a nível epistemológico, quanto ontológico, sobre as concepções que deram origem à nossa disciplina. É evidente que uma miscelânea teórica não é bem vinda, mas devemos nos ater a fatos de que muitas concepções que deram origem a psicologia analítica provieram do próprio Freud, não obstante este último, se delimitou apenas em alguns campos da investigação psicanalítica, enquanto que o seu discípulo, buscou explorar outras áreas e outros fenômenos, é importante ressaltar uma inferência de Freud sobre o psiquismo e vermos como esta, tem ligação íntima com a concepção de arquétipo de Jung:

> *Para compreender a vida mental das crianças necessitamos recorrer a analogias encontradas nos tempos primitivos. Para nós, durante muitas gerações os genitais foram sempre as partes `pudendas', motivo de vergonha e até mesmo (devido a posterior repressão sexual bem sucedida) de repugnância. Se fizermos um histórico extenso da vida sexual de nossa época e sobretudo das classes que são o sustentáculo da civilização humana, seremos tentados a declarar que é a contragosto que a maioria daqueles que vivem nos dias de hoje obedecem à lei de propagar a espécie; sentem-se, nesse processo, diminuídos em sua dignidade humana [...] Nos tempos primitivos da raça humana, a concepção era diferente. Dados trabalhosamente compilados por estudiosos da civilização apresentam testemunho irrefutável de que primitivamente os genitais eram o orgulho e a esperança dos seres humanos; eram adorados como deuses e transmitiam a essência divina de suas funções a todas as novas atividades humanas [...] Mas, dado o caráter indelével de todos os processos mentais, não é de admirar que mesmo as formas mais primitivas do culto genital existissem até bem pouco tempo e que a linguagem, os costumes e as superstições da humanidade de hoje contenham ainda remanescentes de todas as fases deste processo de desenvolvimento. Notáveis analogias biológicas levam-nos a descobrir que o desenvolvimento mental do indivíduo repete, de modo abreviado, o processo do desenvolvimento humano; e as conclusões a que chegaram as pesquisas psicanalíticas acerca da mente infantil, referentes à importância concedida aos genitais na infância, não são tão inverossímeis. A hipótese infantil de que sua mãe tem um pênis será, portanto, a origem comum de que derivam tanto a mãe-deusa andrógina como a Mut egípcia, e a `coda' do abutre na fantasia infantil de Leonardo (FREUD, 1910, p. 89-90).*

Aqui está a origem do arquétipo da união entre anima e animus, representado pelo hermafroditismo do Deuses no antigo Egito, posteriormente será demonstrado na Grécia antiga por meio de Aristófanes no diálogo "O Banquete":

> *Com efeito, nossa natureza outrora não era a mesma que a de agora, mas diferente. Em primeiro lugar, três eram os gêneros da humanidade, não dois como agora, o masculino e o feminino, mas também havia a mais um terceiro, comum a estes dois, do qual resta agora um nome, desaparecida a coisa; andrógino era então um gênero distinto, tanto na forma como no nome comum aos dois, ao masculino e ao feminino, enquanto agora nada mais é que um nome posto em desonra. Depois, inteiriça era a forma de cada homem, com o dorso redondo, os flancos em círculo; quatro mãos ele tinha, e as pernas o mesmo tanto das mãos, dois rostos sobre um pescoço torneado, semelhantes em tudo; mas a cabeça sobre os dois rostos opostos um ao outro era uma só, e quatro orelhas, dois sexos, e tudo o mais como desses exemplos se poderia supor. E quanto ao seu andar, era também ereto como agora, em qualquer das duas direções que quisesse; mas quando se lançavam a uma rápida corrida, como os que cambalhotando e virando as pernas para cima fazem uma roda, do mesmo modo, apoiando-se nos seus oito membros de então, rapidamente eles se locomoviam em círculo. Eis por que eram três os gêneros, e tal a sua constituição, porque o masculino de início era descendente do sol, o feminino da terra, e o que tinha de ambos era da lua, pois também a lua tem de ambos; e eram assim circulares, tanto eles próprios como a sua locomoção, por terem semelhantes genitores (PLATÃO, 1971, p. 144-45-46).*

Além disso corroboro tal afirmação, por meio do próprio Jung que posteriormente irá dizer:

> *Em tais casos precisamos levar em conta o fato (primeiramente observado e comentado por Freud) de que num sonho muitas vezes aparecem elementos que não são individuais e nem podem fazer parte da experiência pessoal do sonhador. A estes elementos, como já mencionei antes, Freud chamava "resíduos arcaicos" formas mentais cuja presença não encontra explicação alguma na vida do indivíduo e que parecem, antes , formas primitivas e inatas, representando uma herança do espírito humano [...] Assim como o nosso corpo é um verdadeiro museu de órgãos, cada um com a sua longa evolução histórica, devemos esperar encontrar também na mente uma organização análoga. Nossa mente não poderia jamais ser um produto sem história, em situação oposta ao corpo em que existe. Por "história" não estou querendo me referir àquela que a mente constrói através de referências conscientes ao passado, por meio da linguagem e de outras tradições culturais; refiro-me ao desenvolvimento biológico, pré-histórico e inconsciente da mente no homem primitivo, cuja psique estava muito próxima à dos animais [...] O meu ponto de vista sobre os "resíduos arcaicos", a que chamo "arquétipos" ou "imagens primordiais", tem sido muito criticado por aqueles a quem falta conhecimento suficiente da psicologia do sonho e da mitologia [...] O arquétipo é uma tendência para formar estas mesmas*

> *representações de um motivo — representações que podem ter inúmeras variações de detalhes — sem perder a sua configuração original (JUNG, 1964, p. 82-83).*

Freud e Jung apesar de terem tido suas divergências, a obra do primeiro é o pilar de nossa ciência e a do segundo uma complementaridade em pesquisas, sem Freud não haveria Jung, portanto sugere-se estudos comparativos, de modo a relacionar a obra dos autores encontrando confluências e continuidades. Um outro ponto contemporâneo, é talvez uma certa "estagnação" epistemológica nas ciências humanas em geral (SANTOS, 2016), talvez uma das alternativas, seria trabalhar as obras dos autores não como "abordagens", "linhas de pensamento", "perspectiva", "ponto de vista", mas sim como uma ciência em geral que faz descobertas, produz teorias e sua confirmação por meio do experimentos observáveis, e caso validado ou não, se reformula ou descarta. Nesse sentido, a obra de Freud e Jung estão em contraposição? É óbvio que não, pois o pai da psicanálise preferiu se deter em questões de sua época, enquanto o seu discípulo em questões gerais, é inadmissível um reducionismo teórico quando confrontada tais concepções, até mesmo por que de um ponto de vista epistêmico é defensável um intercambio entre as "escolas". Por fim, gostaria de enfatizar a questão, que do mesmo modo, que demonstrei não uma "contraposição", mas sim um processo de continuidade entre os autores, é possível vasculhar os textos e encontrar referencias e semelhanças, que possivelmente darão origens a pontos norteadores de pesquisas dentro da psicanálise, e assim consequentemente àquilo que denomino de "continuidade".

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYINGTON, Carlos A. B. **Freud e Jung: Dois Opostos que Formam um Todo**, 1975.

BYINGTON, Carlos A. B. **Freud e Jung: O que a Emoção não Deixou Reunir Um Estudo da Psicologia Simbólica Junguiana**, 2005.

FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise**. Abril Cultural, 1910.

JUNG, Carl G. et al. **O homem e seus símbolos**. Editora Nova Fronteira, 1964.

PLATÃO. **Diálogos: Mênon, Banquete, Fedro**. Trad. De Jorge Paleikate e notas de João Cruz Costa. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1971.

SANTOS, Alan Ferreira dos. **Crise Epistemológica nas ciências sociais: As funções sociais dos paradigmas teóricos.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 1. Vol. 6, pp. 15 – 27. Agosto 2016.

Siga-nos em
facebook.com/psicologia.pt